

A CONSTRUÇÃO DO SUBJETIVO FEMININO: ANÁLISE DE “O RISO DA MEDUSA” À LUZ DA PSICANÁLISE

Maria Eduarda Abreu Oliveira¹

Nayara Alicia Andrade Sousa²

Laura Resende Moreira³

RESUMO

Este artigo analisa a construção do subjetivo feminino a partir de *O Riso da Medusa* (1975), de Hélène Cixous, em diálogo com referenciais psicanalíticos de Freud e Lacan e com a crítica feminista contemporânea. Considerando que a história da mulher foi marcada pelo silenciamento e pela lógica falocêntrica, investigamos como a escrita feminina pode atuar como resistência, criação e reinscrição simbólica. A metodologia adotada foi a pesquisa teórica em Psicanálise, compreendendo o texto literário como espaço de emergência do Inconsciente e de produção de subjetividade. A análise foi organizada em três eixos: (1) o falo e a subversão na leitura psicanalítica do feminino; (2) a escrita feminina como resistência e produção de subjetividade; e (3) a subjetividade feminina na contemporaneidade em articulação com a teoria psicanalítica e a crítica feminista. Constatou-se que, embora a Psicanálise tenha elucidado aspectos da constituição psíquica, seu viés falocêntrico limitou o lugar do feminino. Em resposta, Cixous propõe a *écriture féminine* como gesto criativo e político, capaz de romper modelos normativos e ampliar possibilidades da subjetividade.

Palavras-chave: Psicanálise; Escrita feminina; Subjetividade; O Riso da Medusa.

RESUMEN

Este artículo analiza la construcción de lo subjetivo femenino a partir de *La risa de la Medusa* (1975), de Hélène Cixous, en diálogo con referentes psicoanalíticos de Freud y Lacan y con la crítica feminista contemporánea. Considerando que la historia de la mujer estuvo marcada por el silenciamiento y por la lógica falocéntrica, investigamos cómo la escritura femenina puede actuar como resistencia, creación y reinscripción simbólica. La metodología adoptada fue la investigación teórica en Psicoanálisis, comprendiendo el texto literario como espacio de emergencia del Inconsciente y de producción de subjetividad. El análisis se organizó en tres ejes: (1) el falo y la subversión en la lectura psicoanalítica de lo femenino; (2) la escritura femenina como resistencia y producción de subjetividad; y (3) la subjetividad femenina en la contemporaneidad en articulación con la teoría psicoanalítica y la crítica feminista. Se constató que, aunque el Psicoanálisis haya elucidado aspectos de la constitución psíquica, su sesgo falocéntrico limitó el lugar de lo femenino. En respuesta, Cixous propone la *écriture féminine* como gesto creativo y político, capaz de romper modelos normativos y ampliar las posibilidades de la subjetividad.

Palabras clave: Psicoanálisis; Escritura femenina; Subjetividad; La risa de la Medusa.

¹ Graduanda em Psicologia pela Afya - Centro Universitário São João del-Rei. E-mail: mariaeduarda260101@hotmail.com

² Graduanda em Psicologia pela Afya - Centro Universitário São João del-Rei. E-mail: nayaraalicia28@gmail.com

³ Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFSJ. Professora do curso de Psicologia na Afya - Centro Universitário São João del-Rei. E-mail: laura.resende@afya.com.br

INTRODUÇÃO

Ao longo da história ocidental, muitas mulheres desafiaram a ordem patriarcal, enfrentando fortes repressões por sua resistência. A primeira grande mobilização por direitos, a chamada primeira onda feminista, ganhou força no fim do século XIX, com destaque para as *suffragettes* inglesas na luta pelo voto. No Brasil, esse movimento se manifestou por meio de lideranças como Bertha Lutz⁴, cuja atuação política foi decisiva para a conquista do voto feminino em 1932. Apesar de perder força nas décadas seguintes, essa onda inaugurou um caminho fundamental para as futuras lutas por igualdade de gênero (Pinto, 2010).

Com o passar do tempo, as reivindicações femininas passaram a abranger para além dos direitos políticos e civis, mas também reflexões profundas sobre a experiência de ser mulher em uma sociedade patriarcal. A subjetividade feminina tem sido objeto de investigação e reflexão ao longo da história, principalmente a partir do século XX, quando emergiram as teorias feministas e também com o avanço das teorias propostas por Sigmund Freud e que inauguram a Psicanálise (1933).

Dentro desse contexto, surge um novo movimento das mulheres em reação à submissão feminina à sua domesticidade imposta pela supremacia masculina, conhecido como segunda onda feminista. Nesse cenário, destaca-se a obra *O Riso da Medusa* (1975), da escritora e filósofa Hélène Cixous, como um manifesto que se torna essencial para refletir sobre o corpo, linguagem e escrita feminina como espaços de criação e subversão das mulheres. Nesse manifesto a autora propõe uma ruptura com o modelo patriarcal vigente na sociedade e que, historicamente, silenciou e retirou as mulheres dos espaços de poder, sociais e históricos, convocando essas mulheres a escreverem sobre si, produzindo novos sentidos e transformando-os para que escapem ao modelo falocêntrico⁵ dominante.

Diante do exposto, questiona-se: como a obra *O Riso da Medusa* (1975) pode ser utilizada para analisar o processo de construção do subjetivo feminino, mediante a análise das estruturas que organizam o psiquismo e a articulação das proposições de Hélène Cixous com as noções psicanalíticas, notadamente as concepções de Sigmund Freud e Jacques Lacan?

⁴ Bertha Lutz (1894-1976) foi uma cientista, política e líder feminista que, ao longo do século XX se destacou na luta pelos direitos das mulheres (Campos, s.d.).

⁵ O modelo falocêntrico refere-se a uma estrutura simbólica que organiza a linguagem, o desejo e a cultura a partir da centralidade do falo (pênis) como significante do poder e da autoridade. Na crítica feminista, especialmente em Cixous, esse modelo é desafiado por meio da escrita feminina, que busca romper com a lógica do domínio masculino no simbólico.

Essa articulação se mostra fundamental para elucidar o papel de conceitos como o desejo, o falo, o corpo, a linguagem e a subversão na formação da subjetividade feminina, bem como para apreender as possibilidades de desconstrução e resistência que emergem da escrita em face dos limites impostos pelo discurso do Outro⁶.

Dessa forma, o presente estudo parte da obra *O Riso da Medusa* (1975) para analisar, pela perspectiva psicanalítica, a construção do subjetivo feminino, considerando as noções de falocentrismo e subversão. Além disso, pretende-se refletir sobre as diferentes apropriações da escrita pelas mulheres e como essas podem ser utilizadas como mecanismos de enfrentamento de modelos falocêntricos em que estão inseridas. Nesse sentido, o objetivo geral consiste em analisar como a Psicanálise, a partir dos conceitos de falo e subversão, contribui para a compreensão da construção do subjetivo feminino na obra de Hélène Cixous. Especificamente, pretende-se examinar como o olhar psicanalítico sobre o feminino, a partir desses conceitos, contribui para a interpretação do texto; analisar as principais ideias apresentadas em *O Riso da Medusa* (1975), destacando suas contribuições para a discussão acerca do subjetivo feminino; e apreender como a articulação entre Psicanálise e literatura amplia a reflexão sobre a construção do subjetivo feminino na contemporaneidade, enfatizando o papel da escrita como ferramenta de resistência e resignificação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo da história, a construção da identidade feminina foi predominantemente mediada por uma perspectiva masculina. As mulheres, em grande parte, foram excluídas da possibilidade de narrar a própria história, sendo frequentemente posicionadas como espectadoras no curso da trajetória humana. Embora muitas tenham sido compelidas a aceitar esse papel imposto, outras optaram por caminhos de resistência e subversão, reivindicando o direito de inscrever suas próprias narrativas na história. Essa escolha, no entanto, não se deu sem consequências: resistir às normas hegemônicas implicou, e ainda implica, o enfrentamento de sanções sociais, simbólicas e, por vezes, físicas, evidenciando o alto custo associado à ruptura com as convenções historicamente estabelecidas.

Com a ascensão da burguesia, o surgimento da sociedade industrial e o capitalismo, a mulher passou a ser cada vez mais confinada ao lar, dedicando-se à casa, ao marido e aos/as filhos/as (Coutinho, 1994). Ao traçar uma reflexão histórica e literária sobre as figuras

⁶ Em Lacan, o "Outro" (com maiúscula) é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem de aparecer (Seminário XI, 1979b, p. 193-4).

femininas, suas representações e funções nas sociedades em que estiveram inseridas, dois modelos clássicos, pertencentes à tradição judaico-cristã e que remontam a séculos atrás, se evidenciam: são as figuras de Eva e Maria.

Eva é retratada como uma mulher ambiciosa e desobediente, carregando consigo um estigma que se consolidou especialmente na época medieval: o de que as mulheres possuíam uma natureza perigosa, depravada e mítica (Silva; Brida, 2023). Por isso, deveriam ser domadas e controladas a fim de atingir um ideal de feminilidade, baseado na fragilidade, passividade e obediência. Essa figura mitológica teria sucumbido às trapaças da serpente, manchando a humanidade com a luxúria do pecado original.

O Senhor Deus disse: “Quem te revelou que estavas nu? Terias tu porventura comido do fruto da árvore que eu te havia proibido de comer?”. O homem respondeu: “A mulher que pusestes ao meu lado apresentou-me deste fruto, e eu comi”. O Senhor Deus disse à mulher: “Por que fizeste isso?”. “A serpente enganou-me – respondeu ela – e eu comi.” Então o Senhor Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso, serás maldita entre todos os animais domésticos e feras do campo; andarás de rastos sobre o teu ventre e comerás o pó todos os dias de tua vida. Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. Disse também à mulher: “Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio”. E disse em seguida ao homem: “Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó te hás de tornar (Bíblia Sagrada, p.51 *apud* Damásio, 2018, p. 16).

Desse modo, a forma como a mulher passou a ser representada, a partir e após o mito de Eva, como símbolo de desobediência e transgressão, culminou, nos séculos seguintes, em descrições e interpretações depreciativas dessa figura e de suas descendentes. Em suma, como comenta Damásio (2018), Eva foi condenada como responsável pela ruína da humanidade, sendo também culpabilizada por corromper Adão e induzi-lo ao erro.

A misoginia⁷ produzida e perpetuada ao longo dos séculos é também fruto dessa visão centrada em uma mítica religiosa: a imagem de uma mulher instável, impetuosa e cobiçosa, capaz de seduzir os homens e levá-los a ultrapassar os limites impostos. As mulheres, enquanto descendentes de Eva, seriam, portanto, essencialmente pervertidas e, por isso, deveriam viver em função de alcançar o perdão divino, algo que só poderia ser obtido por meio da castidade ou do matrimônio (Silva; Brida, 2023).

Essa lógica conduz diretamente a outra figura mencionada anteriormente: Maria. Em contraste com Eva, a Virgem Maria é construída como símbolo de castidade, assexualidade e

⁷ Misoginia refere-se ao ódio contra as mulheres e a raiz de uma sociedade em que homens são valorizados e mulheres são desvalorizadas (Ministério das Mulheres, 2023).

fé inabalável, a representação ideal de feminilidade, e, por isso mesmo, inalcançável para as mulheres comuns. É nela que as mulheres devem se espelhar, pois sua função só estaria plenamente justificada pela procriação e pelo matrimônio. São essas duas vias que permitem a remissão do pecado feminino, herança de Eva, e ambas dependem da submissão ao homem e à estrutura falocêntrica da sociedade. Assim, como fora desejado desde o Éden, a mulher deveria nunca abandonar seu marido e ser apenas um reflexo dele.

Quando nos deparamos com o manifesto de Hélène Cixous, *O Riso da Medusa* (1975), torna-se inevitável pensar na figura mitológica de Medusa não apenas como o monstro petrificador, mas como símbolo do silenciamento feminino. Na tradição mitológica, não há uma única versão sobre sua origem, já que Medusa aparece em diferentes narrativas, como na *Teogonia de Hesíodo* (730-700 A.c.) ou nas *Metamorfoses de Ovídio* (2 d.C.-8 d.C.). No entanto, um ponto comum entre essas versões é o fato de que Medusa, inicialmente uma bela sacerdotisa do templo de Atena, é brutalmente violentada por Poseidon — e, em vez de ser protegida, é punida pela própria deusa. Como nos conta Ovídio: “para que o fato não ficasse impune, / [Atena] mudou os cabelos da Górgona em horrendas serpentes” (Magalhães, 2017, p. 269).

Assim, a imagem da Medusa como monstro não nasce da sua essência, mas da injustiça e do trauma a que fora submetida. Ela é condenada ao isolamento, transformada em figura de horror, enquanto o agressor permanece impune. Perseu, o herói tradicional, reforça essa narrativa ao decapitá-la e usar sua cabeça como arma, reafirmando o ciclo de violência e apagamento das vozes femininas. Ao longo dos séculos, Medusa foi associada ao medo e à monstrosidade, mas essa representação tradicional oculta uma história de violência sexual e silenciamento que pede uma nova leitura. É preciso que seja deslocado o ponto de vista dominante e recuperado a potência simbólica da Medusa, não como criatura aterrorizante, mas como testemunha do horror e, mais ainda, como origem de uma linhagem poética. Cixous resgata a figura de Medusa como símbolo de resistência e reescrita da história: uma mulher que, apesar das violências sofridas, ainda é capaz de rir, falar e produzir linguagem.

A autora propõe nesse texto que a escrita seja um ato de subversão, convocando as mulheres a escreverem como forma de desestabilizar o falocentrismo que historicamente marcou a constituição da identidade feminina. Trata-se de um retorno à feminilidade, sustentado por um repertório filosófico, literário e teórico, que desafia os alicerces de uma sociedade talhada pela figura do “homem convencional” (Cixous, 1975, p. 24).

Ao longo de seu manifesto, Cixous enfrenta o falocentrismo por meio da escrita, destacando sua importância em um cenário social ainda dominado pelo falo. Ela argumenta

sobre a constituição da identidade feminina, questionando as figuras de autoridade e conservadorismo presentes em sua trajetória acadêmica. Com isso, mantém o apelo para que as mulheres, silenciadas durante tanto tempo, se imponham por meio de uma escrita feminina:

[...] Eu falarei da escrita feminina: do que ela fará. É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se coloque no texto – como no mundo, e na história –, por seu próprio movimento (Cixous, 1975, p. 24).

Maria Rita Kehl em *Deslocamentos do Feminino* (2008), complementa essa discussão ao afirmar que, desde o nascimento, as mulheres são marcadas por discursos culturais que nos inscrevem em uma lógica de gênero. Assim que o sexo do feto é identificado por exames de imagem, surge o primeiro significante: “menina” ou “menino”. Esses rótulos não expressam apenas a diferença biológica, mas já definem lugares identitários carregados de significações imaginárias. A cultura, então, impõe um “manual” simbólico que orienta o que é “ser mulher” e o que é “ser homem”.

É esse sistema de signos, como exposto no manifesto *O Riso da Medusa* (1975), que posiciona as mulheres em lugares específicos, delimitando posições, deveres e traços identificatórios. A construção dos significantes da “identidade feminina” e “identidade masculina”, busca se manter distintas, moldadas por uma rigidez cultural que varia conforme a sociedade, mas que insiste em preservar a lógica da separação e da hierarquia entre os gêneros. Para Lacan (1957-1958/1999), o indivíduo humano emerge como um sujeito, profundamente condicionado pela captação no sistema do significante. Sob essa perspectiva, a subjetividade é o resultado da intrusão da fala no ser vivo, onde a identidade se forma a partir das marcações impostas pelo Outro no campo do desejo e da demanda. Todavia, o registro simbólico está estruturado por uma lógica falocêntrica, em que o falo ocupa um lugar de significante privilegiado. Isso indica que a linguagem, enquanto estruturante do mundo simbólico, carrega desde sua origem uma lógica hierárquica que posiciona o feminino como falta, ausência ou diferença.

Para Lacan (1958/2020), inicialmente, a diferença entre os sexos se estabelece a partir das posições simbólicas em relação ao falo. Enquanto para o menino, a posição de “ter” o falo se apresenta de forma relativamente não problemática, à menina é atribuída a tarefa de “ser” o falo — isto é, de ocupar o lugar de significante do desejo do Outro. Essa posição, no entanto, implica um sacrifício: a rejeição de uma parcela essencial da feminilidade. Nas palavras do autor, “para ‘ser’ o falo, isto é, o significante do desejo do Outro (...), a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade (...) É pelo que ela não é, que ela pretende ser tão desejada ao

mesmo tempo que amada” (Lacan, 1958/2020, p. 701). Nessa afirmação de Lacan, não é difícil reconhecer a mulher como objeto masculino, no polo negativo castrado, referendada ao conceito freudiano de “inveja do pênis”.

[...] Ela logo percebe a diferença e — deve-se admitir — sua importância. Sente-se muito prejudicada, diz com frequência que gostaria de “ter algo assim também” e sucumbe a inveja do pênis, que deixa traços indeléveis em seu desenvolvimento e na formação do caráter, e mesmo em casos favoráveis não é superada sem grande dispêndio psíquico (Freud, 1933, p. 280).

Na obra *A Feminilidade* (1933), Freud destaca que a menina, ao perceber a ausência do pênis, passa a responsabilizar a mãe por essa suposta desvantagem, nutrindo um ressentimento que marca sua constituição psíquica. Ao reconhecer essa diferença anatômica, ela admite a importância do falo e desenvolve a chamada “inveja do pênis” (p.280), sentindo-se prejudicada e desejando possuir algo semelhante. A feminilidade, nesse contexto, seria marcada por um grau mais acentuado de narcisismo, o que influencia diretamente a escolha do objeto amoroso: para a mulher, ser amada torna-se uma necessidade maior do que amar. Essa inveja do genital masculino manifesta-se também na vaidade feminina, funcionando como uma forma de compensação diante da sensação de inferioridade sexual originária.

Esboçadas algumas elaborações psicanalíticas sobre o conceito de falo, cabe agora considerar suas implicações no campo social mais amplo. Diversas críticas, especialmente oriundas dos movimentos feministas (Kehl, 2002; Araújo, 1999; Ballestrin, 2017; Ribeiro, 2017) e de autoras como Márcia Rosa (2017), que problematiza o lugar das históricas na constituição da teoria psicanalítica e a atualidade de sua escuta, destacam o caráter masculinista e misógino atribuído a esse conceito, marcado por uma referência ao sistema patriarcal e à profunda desigualdade entre os gêneros.

Cixous (1975), por exemplo, propõe uma crítica ao narcisismo tradicional, ao desenvolver o conceito de antinarcisismo, que revela como a subjetividade feminina é moldada social e simbolicamente. Diferente do narcisismo descrito por Freud (1914), como uma fase do desenvolvimento psíquico em que o sujeito investe libido em si mesmo, o antinarcisismo – tal como formulado por Cixous – refere-se a um movimento de negação do amor por si, imposto às mulheres por uma cultura falocentrada. Trata-se de um processo pelo qual a mulher é levada à rejeição de sua imagem, de seu desejo e de sua subjetividade, internalizando a lógica do falocentrismo que a posiciona como objeto e não como sujeito. Em suas palavras: “fomos ensinadas dentro de nossa cultura, a nos compararmos, a sermos nossas próprias inimigas, a sermos essas executoras da obra viril deles” (Cixous, 1975, p. 26). Assim, o antinarcisismo se

configura como um mecanismo de censura interiorizada, que impede a mulher de reconhecer sua potência subjetiva.

Retomando a obra *Deslocamentos do Feminino* (2008), Kehl destaca que Freud acreditava que as mulheres haviam contribuído pouco para as descobertas e invenções na história cultural. No entanto, a autora argumenta que as mulheres, historicamente, foram deslocadas para uma posição que complementava e sustentava a do homem. Um exemplo citado por Kehl é o de Marie-Claire Hoock-Demarle. A autora alemã aponta que, no momento em que algumas mulheres passaram a ter acesso a tempo livre, liberadas parcialmente das atividades domésticas, dedicaram-se à leitura. Isso, no entanto, foi frequentemente reprovado por pais e maridos. No século XIX, essa chamada “fúria de ler” (p. 78) foi interpretada como um reflexo da indústria cultural, que produzia romances e novelas voltados à romantização do cotidiano e à idealização da vida familiar.

Dessa forma, as mulheres passaram a ocupar e transformar espaços antes masculinos, como a literatura, associada à valorização burguesa do amor conjugal e do matrimônio. Essa produção simbólica compensava frustrações do cotidiano, ligadas à dedicação exclusiva ao lar e à família. No século XIX, o casamento era imposto como ideal de realização feminina, em sintonia com as expectativas sociais. Contudo, o excesso de tarefas e a sobrecarga emocional geravam tensão, tornando a literatura um refúgio, conforme indica Kehl (2008).

A alfabetização feminina expandiu-se nas cidades europeias, e a educação passou a se difundir, embora o falocentrismo conservador temesse seus efeitos. Para a autora, muitas mulheres tornaram-se autodidatas ou foram educadas por mães e avós, enquanto a instrução formal ocorria em conventos. Ali, aprendia-se a ler e escrever sob influência da filosofia das Luzes. Apesar da resistência dos pedagogos, temerosos da perda da feminilidade, a curiosidade feminina pelas ciências e pelos acontecimentos persistiu (Kehl, 2008).

Em seu ensaio *La Scherezada Criolla: Ensaio sobre Escritura Femenina Latinoamericana* (1989), Helena Araújo propõe reflexões bastante semelhantes às de Hélène Cixous, partindo da provocação: é possível que a mulher desenvolva uma linguagem própria, ou estaria ela condenada a reproduzir padrões masculinos? Araújo questiona o modo como, desde cedo, as mulheres são socialmente educadas para adotar uma postura de passividade, obediência e submissão, o que compromete sua autonomia, especialmente a criativa.

Ao escreverem, as mulheres frequentemente fogem aos padrões e normas impostas, correndo o risco de serem excluídas daquilo que é considerado como literatura legítima — ou seja, a literatura masculina. Isso decorre de um condicionamento histórico-cultural que sempre

associou a figura feminina ao silêncio, ao lar e à maternidade, negando-lhe o direito à realização pessoal e intelectual.

Ambas autoras abordam a exclusão histórica das mulheres da linguagem, da criação e do reconhecimento social. A francesa Hélène Cixous (1975) denuncia, de forma poética e simbólica, o silenciamento feminino. Ao utilizar a metáfora do “quarto de bonecas” (p.46), ela representa o espaço de aprisionamento simbólico imposto às mulheres: um lugar de obediência e medo, que elas aprendem a ocupar desde a infância.

Por sua vez, Araújo desenvolve uma crítica semelhante em tom ensaístico, refletindo sobre como o condicionamento simbólico limita a plena expressão da subjetividade feminina, especialmente pela linguagem. Ao mencionar o dilema entre o “preço da rebeldia” e o “peso da opressão” (p.17), ela demonstra que, ao tentarem se expressar por meio da arte, as mulheres transitam por um território tradicionalmente moldado para o masculino. Assim, ao transgredirem esse espaço, são frequentemente levadas à insegurança, à culpa e ao anonimato.

Ao longo dos anos, vai-se impondo a ela uma conduta condizente com seu status de inferioridade e ela se depara com uma dupla paradoxal: fechar-se no narcisismo e na banalidade em troca de um falso bem-estar, ou renunciar às suas ambições pessoais em troca de aprovação social. Invariavelmente, a cada encruzilhada, deverá transigir, ceder, submeter-se. Sabendo-se insatisfeita e, no entanto, indefesa, encontrará-se então oscilando entre pagar o preço da rebeldia ou suportar o peso da opressão. O preço ou o peso? Eis a alternativa, eis o dilema que surge a cada momento de sua vida, “mantendo-a em seu estado de incerteza e espera” (Araújo, 1989, p. 17).

Nesse sentido, é importante demarcar que, apesar dessas aproximações entre as autoras, existem constructos psicossocioculturais que as diferenciam em suas experiências e colocações no mundo, principalmente ao analisarmos as consequências da colonização dos países latino-americanos. Ao considerar a figura da mulher que escreve a partir da experiência subalterna na América Latina, reconhece-se que há marcadores interseccionais⁸ de raça, classe, território e cultura que atravessam de forma específica a construção do subjetivo feminino. Enquanto Cixous, situada em um contexto europeu, propõe uma escrita feminina universal e simbólica como ferramenta de resistência ao falocentrismo, autoras latino-americanas como Helena Araújo e teóricas de(s)coloniais apontam (Kehl, 2002; Ballestrin, 2017; Márcia Rosa, 2017; Ribeiro, 2017), para a necessidade de reconhecer as mulheres como sujeitos históricos enraizados em realidades marcadas por desigualdades coloniais e neocoloniais.

Por conseguinte, como aponta Ballestrin (2020, p.3), “a construção e a articulação da descolonização como utopia política feminista e subalterna na América Latina” definem o

⁸ A interseccionalidade refere-se à interação ou sobreposição de fatores sociais — gênero, raça/etnia, classe, orientação sexual, deficiência, localização geográfica etc. — que definem como subjetividades são constituídas e como desigualdades se manifestam em diferentes níveis (Moragas, 2023).

feminismo de(s)colonial, permitindo que a mulher latino-americana seja pensada não apenas como vítima, mas como agente ativa na criação de sentidos insurgentes e autônomos. Nesse horizonte, a escrita feminina latino-americana se consolida como prática de resistência que dialoga com suas raízes colonizadas e reivindica novas formas de existência para além dos paradigmas eurocêntricos e universais impostos historicamente.

Dessa forma, o presente estudo articula essas discussões ao campo psicanalítico, buscando compreender como os processos de subjetivação feminina são atravessados por estruturas simbólicas historicamente marcadas pelo falocentrismo. No decorrer deste estudo, foi produzida uma análise sobre a construção da identidade feminina a partir dos referenciais da Psicanálise e da obra *O Riso da Medusa* (1975), de Hélène Cixous. Foram analisadas as implicações do conceito de falo na estruturação do psiquismo e nas relações sociais, considerando as críticas que revelam seu viés androcêntrico. Além disso, uma investigação sobre a forma com que a autora Hélène Cixous, desafia as normas falocêntricas através da escrita, reivindicando para as mulheres o direito à voz e ao registro de suas próprias narrativas no sistema da história e da cultura.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou como método de análise a Psicanálise, entendida não apenas como um modelo clínico, mas como um campo teórico e epistemológico capaz de promover a leitura crítica de produções simbólicas, como a literatura. A escolha por esse referencial justificou-se por sua contribuição fundamental para o entendimento das estruturas inconscientes que atravessam a constituição do sujeito, especialmente no que diz respeito às relações entre linguagem, desejo, identidade e poder. Diante disso, propôs-se a análise da obra *O Riso da Medusa* (1975), de Hélène Cixous, sob a ótica psicanalítica, buscando compreender como se deu a construção do subjetivo feminino em diálogo com os conceitos formulados por Sigmund Freud e desenvolvidos por Jacques Lacan.

O método psicanalítico fundamenta-se na premissa de que o sujeito do inconsciente é estruturado como uma linguagem e determinado por processos psíquicos inacessíveis por outras vias. Essa estrutura se manifesta através da decifração de significantes e de formações simbólicas que operam na lógica do a posteriori, onde a verdade do sujeito emerge nos lapsos e nas lacunas do saber (Kyrillos Neto e Moreira, 2010). Nesse sentido, a escrita literária pode ser lida como um campo privilegiado para a emergência do Inconsciente e das tensões subjetivas, especialmente quando essa escrita se propõe, como no caso de Cixous, a questionar os dispositivos de poder e os discursos normativos que moldam a identidade de gênero. A

Psicanálise permitiu, assim, acessar o conteúdo latente dos discursos, deslocando a análise para além do nível manifesto do texto, e explorando suas contradições, resistências e silêncios.

A pesquisa teórica em Psicanálise, conforme sustentam Lameira, Costa e Rodrigues (2017), exige que o/a pesquisador/a reconheça sua implicação subjetiva no processo investigativo, não sendo um/a observador/a neutro/a diante do objeto. Essa modalidade de pesquisa não se restringe à aplicação de conceitos, mas envolve uma escuta atenta dos efeitos de linguagem e do desejo que atravessam o material analisado. Ainda que não se trate de uma pesquisa clínica, sua condução exige o mesmo rigor ético e conceitual da prática psicanalítica, mantendo o Inconsciente como operador central da análise.

Para Kyrillos Neto e Moreira (2010), pesquisar em Psicanálise é sustentar a tensão entre o saber universitário e o saber Inconsciente, recusando a normatização dos métodos científicos tradicionais em favor de uma leitura que acolha a singularidade, o equívoco e o não-sabido. Nesse sentido, este trabalho operou com a escuta dos sentidos latentes da obra, tomando o texto literário como uma superfície significante na qual se inscrevem marcas do Inconsciente e dos discursos sociais que moldam o sujeito. Buscou-se, assim, ampliar o entendimento sobre os modos como o discurso psicanalítico pode ser tensionado e ressignificado à luz das experiências femininas, especialmente no que tange às dimensões da linguagem e do desejo.

A leitura foi orientada por uma perspectiva atenta aos deslocamentos propostos pela autora e às contribuições da teoria psicanalítica para a compreensão dos processos de subjetivação em uma cultura estruturada pelo falo como eixo simbólico. A análise foi guiada principalmente pelos conceitos de falo, ordem simbólica, desejo, identificação e linguagem. Em Freud, foram abordadas as formulações sobre a sexualidade feminina, o narcisismo e o complexo de Édipo, com atenção especial à noção de “inveja do pênis”, frequentemente criticada e ressignificada pelas autoras feministas. Em Lacan, destacou-se a compreensão do falo como um significante, que estrutura o desejo e organiza as posições subjetivas dentro do campo do simbólico. A partir dessas formulações, foi possível explorar de que modo a obra de Cixous problematiza os limites impostos à subjetividade feminina e propõe novas formas de simbolização e subversão do falocentrismo.

A abordagem metodológica consistiu na identificação e discussão de categorias como o “falo como significante”, o “antinarcisismo”, a “escrita feminina” e a “subversão simbólica”, articulando a Psicanálise e a obra de Hélène Cixous. O percurso metodológico deste trabalho iniciou-se com uma leitura atenta e integral da obra *O Riso da Medusa*, com o objetivo de mapear os trechos que abordam diretamente a constituição da identidade feminina, a linguagem e os processos de subversão simbólica. A partir dessa leitura, foram destacados fragmentos que

evidenciam os deslocamentos operados por Cixous em relação à lógica falocêntrica do discurso e às formas tradicionais de subjetivação.

Esses trechos foram analisados à luz dos conceitos psicanalíticos previamente discutidos – como o falo enquanto significante, o desejo, o narcisismo, o antinarcisismo e a escrita feminina –, articulando-os com a crítica feminista (Cixous, 1975; Araújo, 1999; Ballestrin, 2017) e com as contribuições de autoras contemporâneas (Kehl, 2002). A análise orientou-se por uma escuta sensível aos efeitos de linguagem, considerando as tensões entre o simbólico e o feminino, e buscando compreender como a escrita de Cixous não apenas denuncia os mecanismos de silenciamento da mulher, mas também propõe novas formas de inscrição do desejo, do corpo e da voz na linguagem.

A presente análise incidiu-se sobre excertos selecionados da obra *O Riso da Medusa* (1975), com ênfase nas passagens que tratam da constituição da identidade feminina, da escrita como prática de subversão e das formas de inscrição do discurso falocêntrico. A análise foi realizada por meio de uma leitura interpretativa, que busca identificar trechos da obra nos quais se expressam os conflitos entre o feminino e a lógica falocentrada da linguagem. A escrita de Cixous, entendida como uma proposta de escrita feminina — ou *écriture féminine* — foi lida como um movimento de deslocamento das estruturas simbólicas que tradicionalmente excluíram a mulher do lugar de sujeito. A partir dessa leitura, pretendeu-se evidenciar como o texto de Cixous subverte os códigos da linguagem patriarcal, convocando as mulheres à apropriação de seus corpos, desejos e vozes.

Por tratar-se de uma pesquisa teórica, os dados foram constituídos por textos previamente publicados. O *corpus* principal é a obra *O Riso da Medusa* (1975), complementada por textos psicanalíticos e por produções de autoras do campo dos estudos de gênero e da crítica feminista. A análise foi conduzida com rigor conceitual, respeitando o contexto histórico e simbólico das produções utilizadas. A perspectiva psicanalítica, longe de buscar conclusões fechadas, visa abrir o texto à multiplicidade de sentidos, reconhecendo o caráter enigmático do sujeito e da linguagem, e construindo uma perspectiva analítica crítica sobre as formas pelas quais o feminino é construído, representado e, muitas vezes, silenciado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A articulação entre a obra *O Riso da Medusa* (1975), de Hélène Cixous com os referenciais psicanalíticos permite analisar criticamente as formas pelas quais o feminino foi historicamente concebido e inscrito no campo simbólico. Essa intersecção evidencia a permanência de estruturas falocêntricas que atravessam a teoria psicanalítica, bem como as

contribuições da crítica feminista no questionamento de tais paradigmas. Dessa articulação emergem perspectivas que permitem compreender a escrita feminina não apenas como produção estética, mas como gesto político e simbólico, capaz de reinscrever o corpo e o desejo na linguagem.

A fim de sustentar tal análise, os resultados e discussões foram organizados em três eixos: (1) o falo e a subversão na leitura psicanalítica do feminino, mobilizando aspectos como o falo enquanto significante, a lógica fálica e as possibilidades de subversão propostas por Cixous; (2) a escrita feminina como resistência e produção de subjetividade, abordando a *écriture féminine* como gesto político e simbólico de reinscrição do corpo e do desejo; e (3) a subjetividade feminina na contemporaneidade, considerando os deslocamentos nas formas de subjetivação das mulheres à luz da Psicanálise e das críticas feministas e decoloniais.

O falo e a subversão na leitura psicanalítica do feminino

Nesse primeiro eixo, buscou-se compreender de que modo os conceitos psicanalíticos de falo e subversão contribuem para a leitura da obra *O Riso da Medusa* (1975). A partir das formulações freudianas sobre a sexualidade feminina e das contribuições lacanianas acerca do falo como significante, observa-se que a Psicanálise estabelece uma lógica falocêntrica que posiciona a mulher como “ser o falo” ou como marcada pela falta. Freud (1933), ao propor a noção de inveja do pênis, construiu uma leitura na qual a sexualidade feminina estaria atrelada à ausência, perspectiva amplamente criticada por feministas posteriormente.

Lacan (1960/1988), ao deslocar o falo do campo anatômico para o campo simbólico, reforçou sua centralidade como significante do desejo, mas manteve, de certo modo, o privilégio da lógica fálica. Mais adiante em seus ensinamentos, Lacan (1960/1988) reformula e formaliza, no campo da linguagem, a conceituação freudiana de castração. A noção do falo como significante estruturador se mantém. Porém, ele demonstra que a lógica fálica não é capaz de drenar todo o pulsional da mulher. Em *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina*, o psicanalista indica:

[...] convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher, notadamente toda a corrente do instinto materno. Por que não dizer aqui que o fato de que tudo o que é analisável é sexual não implica que tudo o que é sexual seja acessível à análise? (Lacan, 1960/1988b, p. 739).

Isso evidencia que há um campo da satisfação na mulher que não está mediado pela lógica fálica e nem pela maternidade. De acordo com Ottoni (2021), no avançar de seu ensino, Lacan se desloca das elaborações freudianas de que a mulher, por ser desprovida de pênis, lidaria com essa falta através da maternidade, pensada por Freud como forma de suprir essa

incompletude corporal. Essa redefinição do falo como significante simbólico prepara o terreno para a formulação lacaniana de que “a mulher não existe” (Lacan, 1971/2009, p. 69), a qual não nega a existência empírica ou anatômica das mulheres, mas sustenta que não há significante universal capaz de representar o feminino em sua totalidade. Em sua sexta aula do *Seminário 20*, intitulada *Deus e gozo da mulher*, afirma:

a mulher, isto só se pode escrever barrando-se o A, não há A mulher, artigo definido para designar o universal. Não há "A mulher pois — já arrisquei o termo, e por que olharia eu isso duas vezes? por sua essência ela não é toda” (Lacan, 1972-73/2008, p. 79).

Por não haver, do lado feminino da tábua da sexuação, o Um da exceção, entendido como uma figura capaz de representar todas, torna-se inviável a constituição de um traço ou característica que possa servir como referente comum para o conjunto (Ottoni, 2021). Essa ausência de um significante universal não dissolve a questão, mas a torna ainda mais enigmática: aquilo que não encontra representação plena adquire uma força de atração, funcionando como resto e como causa de desejo. O feminino, assim, opera como enigma a ser sempre reencontrado, não como essência fixa, mas como alteridade radical. Trata-se de um vazio estrutural que abre a possibilidade para múltiplas formas de inscrição e para a invenção singular de cada mulher em sua relação com o feminino.

É nesse ponto que Cixous (1975) tensiona a teoria psicanalítica. Sua proposta de escrita feminina questiona a primazia do falo como operador da diferença sexual, deslocando o olhar para a potência criativa do feminino. Ela critica os conceitos estabelecidos pela Psicanálise tradicional, que se apresentam como instrumentos de padronização do desejo e da subjetividade feminina, e afirma que a mulher não deve se submeter a modelos pressupostos de identidade. A autora é categórica ao afirmar: “eu quero, sim, tudo de nós. É claro que a mulher tem desejo, um “desejo” amante, e não invejoso” (Cixous, 1975, p. 76). A escrita feminina e suas possibilidades de invenção de formas outras de subjetividade caracteriza, portanto, um gesto de subversão. A autora defende que as mulheres não devem se deixar serem confinadas por significantes dominantes, mas explorar sua singularidade:

rompa os círculos; não permaneça no cerco psicanalítico: dê uma volta, e depois atravesse! E se nós somos legião é porque a guerra de libertação abriu somente uma brecha por enquanto. Mas as mulheres correm até ela, eu as vi, aquelas que não serão nem domesticadas nem enganadas, aquelas que não terão medo do risco de ser mulher (Cixous, 1975, p.78-79).

A autora denuncia que o falocentrismo não apenas exclui a mulher do lugar de sujeito, mas também limita sua capacidade de inscrição simbólica. Assim, ao propor que as mulheres

escrevam com o corpo, Cixous (1975) abre espaço para uma simbolização alternativa, na qual o feminino não é reduzido à falta, mas reconhecido em sua pluralidade e potência subjetiva.

Essa inversão permite compreender o falo não mais como centro estruturante. Ele se torna um significante passível de ser deslocado, reinscrito e mesmo desestabilizado pela escrita. Nesse sentido, a obra de Cixous se mostra fundamental para evidenciar os limites de uma leitura psicanalítica tradicional e inaugura novas possibilidades de simbolização da experiência feminina. Nesse movimento, a própria cultura se encarrega de preencher o vazio deixado pela inexistência de um significante universal para o feminino, multiplicando predicativos que tentam nomeá-lo: “santa”, “puta”, “bruxa”, “frágil”, “sedutora”, entre tantos outros. Contudo, nenhum desses enunciados dá conta do feminino em sua totalidade (Ottoni, 2021). Ao contrário, revelam a tentativa incessante de domesticar o enigma da mulher, tentativa que, como indicou Lacan (1972-73/2008), redundando em difamação. A mulher, “mal-dita”, surge sempre como excesso ou falta, nunca como totalidade.

Essa perspectiva se articula diretamente com a formulação lacaniana do “não-toda” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 83), segundo a qual o feminino não se deixa reduzir integralmente à lógica fálica. A ausência de um significante universal abre espaço para que cada mulher invente modos singulares de se inscrever no feminino, revelando um gozo suplementar⁹ (Lacan, 1972-73/2008) que escapa à ordem fálica. É justamente nesse ponto de não inscrição plena que se abre espaço para a proposta de Cixous: a escrita como gesto de invenção e inscrição do indizível. Desse modo, fica evidenciado como a leitura psicanalítica do falo, quando tensionada pela escrita feminina, revela novas possibilidades de simbolização do feminino e de expressões da subjetividade.

A escrita feminina como resistência e produção de subjetividade

O segundo eixo dedica-se às principais ideias apresentadas em *O Riso da Medusa* (1975), sobretudo à noção de *écriture féminine* (escrita feminina). Conforme destaca Laurent (2013), a histeria apresentada por Cixous é uma histeria sem intérprete que recorra ao Nome-do-Pai, mantendo-se inteiramente sozinha. Nessa perspectiva, a escrita funciona como forma de sustentação do sujeito fora da lógica fálica, permitindo uma relação direta com o gozo e com a linguagem. Tal formulação reforça a proposta de Cixous de pensar a *écriture féminine* como prática que dispensa a identificação ao Nome-do-Pai, inaugurando novas possibilidades de simbolização do corpo e do desejo.

⁹ O gozo suplementar, formulado por Lacan no Seminário 20: Mais, ainda (1972-1973/2008), refere-se a um gozo que escapa à lógica fálica, caracterizando-se como um excesso não inteiramente simbolizável pela linguagem.

Para Cixous (1975), a escrita se configura como prática de resistência ao silenciamento histórico das mulheres e como espaço de reinscrição do corpo e do desejo no campo simbólico. Em seu manifesto, a autora afirma que a escrita, historicamente, esteve subordinada a uma economia cultural, política e libidinal predominantemente masculina, configurando-se como instrumento de exclusão da mulher e de preservação da ordem simbólica vigente. Nesse sentido, a escrita tradicional foi estruturada segundo a oposição sexual, restringindo à mulher a possibilidade de inscrever sua voz e de constituir subjetividade de modo autônomo. Nas palavras da autora: “é justamente a escrita a própria possibilidade de mudança, o espaço do qual pode se lançar um pensamento subversivo, o movimento precursor de uma transformação das estruturas sociais e culturais” (Cixous, 1975, p. 49)

Ainda de acordo com a autora, a ausência de espaço para a fala feminina constitui uma das formas mais graves de violência simbólica, pois impede não apenas a expressão do feminino, mas também o acesso ao lugar onde se produzem sentidos, se consolidam identidades e se abrem caminhos para transformações culturais e sociais. A escrita, nesse contexto, transcende sua função comunicativa e assume um caráter político e existencial, tratando-se de um gesto insurgente, que desafia as hierarquias do patriarcado e reabre os sentidos interditados (Cixous, 1975)

Freud (1914-1916/2010), ao desenvolver o conceito de narcisismo, sugeriu que a mulher estaria inclinada a um fechamento em si mesma, interpretação muitas vezes utilizada para justificar sua suposta “passividade” cultural. Em contraposição, Cixous propõe o “antinarcisismo” como abertura ao múltiplo e à diferença, convocando as mulheres a romperem com a lógica que as reduziu ao espelho do desejo masculino. Essa noção de “antinarcisismo” subverte a tradição psicanalítica e projeta a escrita como gesto de criação de novas formas de subjetividade.

Assim, conforme apontado anteriormente, a produção literária não se limita ao espaço estético, mas também como espaço político e existencial, uma vez que possibilita à mulher reinscrever sua subjetividade em termos próprios. Escrevendo-se, a mulher se reconecta com seu próprio corpo, frequentemente transformado em estranho, temido ou alienado pela história, e reintegra a própria corporeidade ao processo de criação e expressão, deslocando o corpo do lugar de censura e inibição para um espaço de potência e reinvenção.

Nesse movimento, evidencia-se o momento da mulher tomar a palavra e afirmar sua entrada na história, tradicionalmente construída com base em seu recalque. Cixous enfatiza que a escrita permite à mulher “forjar para si uma arma antilogos” e imprimir “sua marca na língua escrita e oral” (1975, p. 52), ressaltando seu direito de ser parte ativa e central no sistema

simbólico e nos processos políticos. A escrita feminina, portanto, não se limita à expressão estética, mas constitui um gesto subversivo e de reinvenção da subjetividade, abrindo espaço para que a mulher atue como agente de sua própria história.

Essa apropriação da palavra e do espaço simbólico, como gesto de reinvenção da subjetividade, exige também que a mulher se liberte das imposições que historicamente a confinam à marginalidade. Cixous reforça essa necessidade ao afirmar: “que ela escape da armadilha do silêncio. Que ela não permita que a reduzam aos limites da margem ou do harém” (1975, p. 53). É justamente nesse movimento de ruptura que a escrita feminina se configura como ato de insubordinação simbólica, capaz de desestabilizar os códigos do patriarcado e inaugurar novas possibilidades de subjetivação.

Seguindo essa lógica de apropriação da palavra, a mulher reivindica para si própria o direito à palavra. Ela rompe com a lógica falocêntrica que a exclui e instaura um espaço onde pode se reconstruir como sujeito de sua própria narrativa. Nesse processo, a escrita torna-se o lugar privilegiado para que experiências interditadas sejam articuladas, para que o indizível encontre expressão e para que se abra um campo de criação capaz de subverter a ordem social e simbólica que historicamente a marginalizou.

A subjetividade feminina na contemporaneidade em articulação com a teoria psicanalítica e a crítica feminista

No terceiro eixo, destaca-se como a articulação entre Psicanálise e *O Riso da Medusa* (1975), de Hélène Cixous, amplia a reflexão sobre a subjetividade feminina contemporânea, ao oferecer instrumentos teóricos para compreender a historicidade, pluralidade e resistência da experiência feminina. A Psicanálise, ao evidenciar os mecanismos inconscientes que estruturam a identidade de gênero, oferece ferramentas para compreender as marcas simbólicas que atravessam a experiência feminina. Entretanto, esse fenômeno não deve ser analisado sem considerar a atualização trazida pela crítica feminista dos últimos anos, que, como apontam Kehl (2002), Araújo (1999), Ballestrin (2017), Ribeiro (2017) e Rosa (2017), tensiona os limites dessa teoria, sobretudo quando aplicada ao feminino, exigindo uma leitura que considere os atravessamentos interseccionais de raça, classe, território e colonialidade.

Nesse ponto, é importante retomar Lacan (1972-1973;2008), que ao afirmar que “a mulher não existe”, não nega a existência empírica das mulheres, mas indica a impossibilidade de um universal do feminino. Essa formulação, que marca a mulher como “não-toda” submetida à lógica fálica, permite pensar a pluralidade de posições possíveis, algo que converge com as críticas feministas contemporâneas à ideia de uma identidade feminina homogênea. Tal

perspectiva lacaniana sustenta que não há essência ou definição única do ser mulher, mas modos singulares e contingentes de inscrição do feminino no campo simbólico.

Partindo desse ponto, Kehl (2002) destaca que os sujeitos contemporâneos não são os mesmos que buscaram Freud no final do século XIX. Isso não invalida a metapsicologia freudiana, mas exige uma Psicanálise plástica o suficiente para acompanhar as transformações históricas e sociais. Tal exigência encontra eco na advertência lacaniana de que “antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (Lacan, 1953;1998, p. 321), indicando que a Psicanálise, para se manter viva, precisa atualizar-se frente às mudanças históricas e culturais. Os conceitos fundamentais permanecem estruturantes, mas seus significantes migram, os lugares de homens e mulheres se deslocam, tal como problematiza Butler (1990;2003) ao demonstrar que gênero é performativo e não uma essência fixa, e os discursos se reconfiguram. A Psicanálise só permanece viva ao escutar o emergente, em vez de se cristalizar em tradições que não correspondem às formas atuais de subjetivação.

Nesse ponto, Kehl (2002) observa que a Psicanálise pode ter se constituído como o último dos discursos modernos a atribuir um lugar à mulher, frequentemente na posição de objeto do desejo masculino. Essa tentativa de universalizar “A Mulher” é inconsistente, pois os sujeitos se constituem pela diversidade e singularidade. Assim, ao manejar o “falo da fala”, as mulheres podem se descolar da dívida simbólica ligada ao corpo e inscrever-se como sujeitos de discurso, convergindo tanto com a formulação lacaniana do “não-todo”. Essa perspectiva converge com a crítica feminista, e, como destaca Ribeiro (2017), problematiza o pensamento hegemônico, desloca a ideia de uma identidade única e reivindica a pluralidade de experiências marcadas por raça, gênero e classe. Assim, reconhecer o lugar de fala torna-se fundamental para desestabilizar a suposta universalidade do sujeito feminino e possibilitar que múltiplas vozes sejam inscritas no espaço simbólico e político.

Finalmente, Kehl (2002) retoma a clínica freudiana para destacar que a fala das históricas já evidenciava a impossibilidade de responder à questão “o que é ser mulher?”, revelando a inconclusão estrutural da feminilidade. Contudo, conforme aponta a autora, a Psicanálise pós-freudiana muitas vezes associou feminilidade e histeria como equivalentes, perpetuando um reducionismo. A tarefa da Psicanálise contemporânea seria, portanto, separar as mulheres dos ideais de feminilidade herdados do século XIX, reconhecendo suas múltiplas escolhas identificatórias e modos de satisfação, que não devem ser vistos apenas como sintomas, mas como recursos criativos de subjetivação. Nesse sentido, a escuta psicanalítica

deve se abrir às mulheres que demandam novas formas de inscrição simbólica, capazes de escrever destinos singulares e ampliar o campo de possibilidades da subjetividade feminina.

Nessa perspectiva, autoras latino-americanas como Araújo (1999) e Ballestrin (2017) enfatizam que não há uma experiência universal do feminino. Ao contrário, há múltiplas vozes que se inscrevem de forma desigual no discurso social. Do mesmo modo, Rosa, em *Por onde andaram as histéricas de outrora* (2017), retoma a trajetória das histéricas não apenas como pacientes sintomáticas, mas como protagonistas que forçaram Freud a escutar o Inconsciente, inaugurando um campo de saber atravessado pela linguagem e pelo desejo. Ao mesmo tempo, a autora evidencia o paradoxo de uma Psicanálise que nasce do feminino, mas que, em diversos momentos, o silencia ou o reinscreve na lógica fálica.

Nesse sentido, a recusa histórica, que se expressava como corpo sintoma e resistência ao discurso médico, é ressignificada em *O Riso da Medusa* (1975) como escrita: uma nova forma de dizer o indizível, transformando a recusa histórica em potência criativa e política. Assim, a escrita feminina contemporânea pode ser pensada em continuidade com a lógica do “não-todo”, pois não se deixa capturar por uma representação única, mas abre fissuras no discurso dominante e reinscreve o corpo e o desejo como territórios de criação.

O diálogo entre Psicanálise e crítica feminista não se limita, portanto, a uma posição de confronto, mas abre a possibilidade de reconfiguração teórica: a Psicanálise, ao ser tensionada pelo feminismo e pela crítica de(s)colonial, pode se tornar ferramenta de escuta e elaboração simbólica das múltiplas experiências das mulheres, reconhecendo sua historicidade, pluralidade e singularidade. Essa abertura aponta para uma Psicanálise capaz de dialogar com experiências plurais de mulheres – brancas, negras, indígenas, latino-americanas – reconhecendo que a subjetividade feminina não é universal, mas se constrói na encruzilhada entre Inconsciente, linguagem e história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar como a Psicanálise, especialmente por meio dos conceitos de falo e subversão, podem contribuir para a compreensão da construção do subjetivo feminino na obra *O Riso da Medusa* (1975), de Hélène Cixous. A investigação evidenciou que, embora a teoria psicanalítica tenha oferecido ferramentas fundamentais para pensar a constituição do sujeito e da sexualidade, ela também foi marcada por um viés falocêntrico que limitou as possibilidades de inscrição do feminino no campo simbólico.

A partir da interlocução com Cixous, tornou-se possível identificar que a escrita feminina se coloca como gesto de resistência e criação, permitindo que as mulheres se

apropriem de sua corporeidade e subjetividade em termos próprios. A noção de *écriture féminine* (escrita feminina) revela-se, nesse sentido, não apenas como uma prática estética, mas como ato político e subversivo, que questiona os alicerces de uma cultura estruturada pela primazia do falo.

Os três eixos que organizam a análise – o falo e a subversão na leitura psicanalítica do feminino, a escrita feminina como resistência e produção de subjetividade, e a subjetividade feminina na contemporaneidade em articulação com a teoria psicanalítica e a crítica feminista; evidenciaram o potencial de diálogo entre Psicanálise e crítica feminista. Se, por um lado, Freud e Lacan nos permitem compreender as marcas inconscientes que atravessam a identidade de gênero, por outro, autoras como Cixous (1975), Kehl (2002), Araújo (1999) e Ballestrin (2017), tensionam os limites desse referencial, ampliando as possibilidades de pensar o feminino em sua pluralidade e historicidade.

Conclui-se que a articulação entre Psicanálise e crítica feminista possibilita ressignificar conceitos tradicionais, como o de falo, deslocando-se para uma leitura menos normativa e mais aberta à diferença. Nesse horizonte, a escrita feminina surge como campo fértil para a elaboração simbólica de experiências múltiplas, funcionando como espaço de invenção, resistência e reinvenção de subjetividade.

Por fim, este trabalho não pretendeu esgotar as questões levantadas, mas abrir caminhos para futuras investigações. Pesquisas posteriores podem ampliar essa discussão a partir de outras autoras feministas, decoloniais e psicanalistas, aprofundando o debate sobre a relação entre gênero, linguagem e subjetividade. O desafio permanece em sustentar uma Psicanálise capaz de escutar o feminino em sua diversidade, reconhecendo não apenas o que ela revela do Inconsciente, mas também o que subverte, cria e insiste em escapar.

Nesse sentido, futuras pesquisas poderão aprofundar a investigação sobre as estruturas da linguagem, tensionando de modo mais detalhado entre a crítica cixousiana e a formulação lacaniana sobre o simbólico, de modo a explorar como tais concepções podem se articular - ou se friccionar - na compreensão da subjetividade feminina. Esse desdobramento permitiria examinar mais amplamente como diferentes regimes de linguagem produzem modos distintos de inscrição do feminino, ampliando as possibilidades analíticas sobre desejo, corpo e escrita para além dos limites do falocentrismo tradicional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÁN, Márcia. Lacan e o feminino: algumas considerações críticas. **Natureza Humana**, v. 5, n. 2, p. 293–327, 2003. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v5n2/v5n2a01.pdf>. Acesso em: 16 de abril de 2025.

ARAÚJO, Helena. **La Scherezada criolla: ensayos sobre escritura femenina latinoamericana**. Bogotá: Centro Editorial, Universidad Nacional de Colombia, 1989. Disponível em: <https://archive.org/details/la-scherezada-criolla-helena-araujo/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 16 de abril de 2025.

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Feminismo de(s)colonial como feminismo subalterno latino-americano. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 28, n. 3, e75304, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n375304>. Acesso em: 22 de maio de 2025.

BRASIL. Ministério das Mulheres. Folder Digital – **Brasil Sem Misoginia**. [S.l.]: Ministério das Mulheres, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/campanhas/2023/brasil-sem-misoginia/acesse-os-materiais/folderdigital-brasilsemmisoginia.pdf>. Acesso em: 06 de outubro de 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CAMPOS, Tiago Soares. "**Bertha Lutz**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/bertha-luz.htm>. Acesso em 06 de outubro de 2025.

CIXOUS, Hélène. **O Riso da Medusa**. Tradução de Natália Guerrelus e Raísa França Bastos. Posfácio de Flávia Trocoli. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DAMÁSIO, Jessika Pereira. **À margem, entre gritos e silêncio: cicatrizes dos corpos e dos sexos**. São João del-Rei, 2018. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/DISSERTACAO%20FINAL%20Jessika%20Pereira%20Damasio.pdf>. Acesso em: 24 de abril de 2025.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas, v. 12).

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KYRILLOS NETO, F.; MOREIRA, J. O. (Org.). **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade**. Barbacena, MG: EdUEMG, 2010.

LACAN, Jacques. A significação do falo. **In Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2020, p. 692-703. (Obra original publicada em 1958).

LACAN, Jacques. (1988b). Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. (Trabalho original publicado em 1960). In **J. Lacan, Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. (1998). **Escritos**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999. (Obra original publicada em 1957-1958).

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979b.

LACAN, Jacques. (2009). **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante**. (Trabalho original apresentado em 1971). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. (2008). **O Seminário, livro 20: mais, ainda** (Trabalho original apresentado em 1972- 73). Rio de Janeiro: Zahar.

LAMEIRA, Vera; COSTA, Patrícia; RODRIGUES, Rosangela. Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. In: ZAREMBA, Josiane; BENEDETTI, Jair (orgs.). **Psicanálise, pesquisa e clínica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 65-79.

LAURENT, E. (2013) Falar com seu sintoma, falar com seu corpo. In: **Textos de VI Enapol**. p. 10-20.

MAGALHÃES, Danielle. Medusa: reler o mito, reescrever a história. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 32, n. 3, e91630, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/91630/58138> . Acesso em: 12 de abril de 2025.

OTTONI, C. R. **Feminino: a mulher, os semblantes, os gozos e as defesas ao (im)possível a suportar**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 7 de maio de 2021. **Repositório Institucional da UFMG**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/40256>. Acesso em: 2 de setembro de 2025.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, p. 15–23, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/>. Acesso em: 24 de abril de 2025.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017.

SILVA, Juliana Maria Simões; BRIDA, Glaucia Valéria Pinheiro de. A feminilidade de Eva: um estudo psicanalítico acerca das origens da misoginia. In: 32º Encontro Anual de Iniciação Científica, 2023, Maringá, PR. **Anais do 32º EAIC**. Maringá, PR, 2023. Disponível em: <http://www.eaic.uem.br/eaic2023/anais/artigos/6741.pdf>. Acesso em: 25 de abril de 2025.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS (TJDFT). O que é interseccionalidade? In: **Sementes da Equidade**. Brasília: TJDFT, 2023. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/o-que-e-interseccionalidade>. Acesso em: 6 de outubro de 2025.